

Idéias em debate

Interessar o médico na saúde

WALTER SILVEIRA DA MOTA

O grande humorista inglês Bernard Shaw, algum tempo antes de falecer, havia escrito para o *Times*, de Londres, condenando o atual sistema de remuneração dos médicos, que, com razão, qualificou de monstruoso, ao mesmo tempo que recomendou o sistema de pagar ao facultativo um honorário fixo para manter a família em boa saúde.

Como bom vegetariano que era, cultor da higiene natural em toda a sua vida, Bernard Shaw não disse propriamente nenhuma novidade. Ele apenas refletiu um dos ideais que integram o movimento de regeneração humana que se processa mundialmente pelo Naturismo.

A América do Sul, infelizmente, é um continente onde esse movimento científico-filosófico é pouco conhecido. Daí o assombro que causaram a muita gente as declarações do eminente escritor e jornalista. Desta vez, porém, ele não havia feito piada. Pelo contrário, feriu uma questão de suma importância social e de grande interesse humano.

Com efeito, a saúde representa para um povo a pedra angular de sua felicidade e prosperidade em quase todos os sentidos. Não é necessário, portanto, perder tempo com a demonstração dessa verdade inofensível. Entretanto, como se explica que, até agora, perdure na maior parte do mundo o sistema anacrônico, injusto e prejudicial da remuneração médica que Bernard Shaw criticou?

Constitui um verdadeiro paradoxo o que vivemos presenciando: criam-se suntuosas faculdades de medicina e de higiene, institutos científicos de pesquisas nos campos da patologia experimental e de terapêutica, serviços sanitários complicadíssimos, tudo visando à saúde do povo, e, ao mesmo tempo, condiciona-se a vida profissional e econômica do médico à existência da doen-

ça, uma vez que o clínico é pago diretamente pelos enfermos! A prosperidade do médico, no sistema atual, representa doenças e dores em abundância, quando devia estar em função da maior extensão possível da saúde.

É imprescindível acabar com essa contradição entre o interesse do povo e do Estado, por um lado, e o do facultativo, por outro. Não se compreende que, em pleno século XX, continue prevalecendo no mundo esse sistema de assistência médico-social anacrônico, injusto e, sobretudo, desumano. A saúde é um bem sagrado ao qual todos os cidadãos devem ter igual direito. E de que maneira se poderá pôr todos no mesmo pé de igualdade? Através de uma educação higiênica fundamental, proporcionada desde a escola primária e continuada fora da escola para os adultos, pela ação educativa do médico no seio do povo. O médico moderno deverá ser, antes de mais nada, um verdadeiro educador. Compete-lhe a missão de desempenhar as funções de educador da saúde do povo, a fim de prevenir quanto mais e remediar quanto menos. Justamente o contrário do que se dá hoje.

Isso, porém, só se conseguirá quando o médico for remunerado pelo Estado para manter em boa saúde um determinado número de famílias. No dia em que se inverter o atual estado de coisas, passando-se a interessar o médico na saúde e não na doença, como se faz atualmente, nesse dia os melhores meios de evitar as moléstias virão à tona por si. A higiene natural, de base biológica, verdadeiramente científica e racional, impeará soberanamente nessa nova era para o bem-estar físico da humanidade. O combate às violações da leis naturais da saúde será então iniciado de verdade. Demonstrar-se-á ao povo o papel que representam na gênese das doenças os alimentos antifisiológicos que se consomem em larga escala atualmente, a falta de exercício físico e intelectual, ou excesso deles, o abuso do álcool e do fumo,

o ar impuro e a insolação insuficiente, o excesso de alimentação, ou a sua deficiência em qualidade e quantidade, para só citar os principais fatores etiológicos na ordem física. Na ordem moral é ainda mais sério. São tantos os descabros que, por ora, nem convém tocar neles. O mundo pode vir abaixo.

À primeira vista, parece que Bernard Shaw foi um inimigo terrível dos médicos, como a própria imprensa da época insinuou. Tal, porém, não se dá. Ao contrário, os que se batem pela socialização da medicina estão, implicitamente, trabalhando pela maior elevação moral da classe, sem prejuízos materiais para ela, pois a remuneração do trabalho profissional do médico não desaparecerá. O que se quer é uma organização econômico-social mais justa e razoável no que se refere à saúde pública. Nessa organização verdadeiramente ideal que Bernard Shaw preconizou, humana e justa, os interesses econômicos do facultativo serão atendidos convenientemente. Apenas haverá a diferença seguinte: quanto mais doença, menos ganho para o médico e quanto mais saúde maior remuneração e distinções honrosas etc. Harmoniza-se, dessa forma, os interesses do povo e os do médico, com imensos benefícios para ambas as partes. Benefícios de ordem biológica para a sociedade, pelo progressivo aumento da saúde pública, e benefícios de ordem moral para o médico, pela extinção de uma fonte de dramas de consciência, qual seja o avassalamento do trabalho profissional pelo metacantilismo desenfreado que se alastra por todos os ramos da atividade humana.

Será algum dia levada a efeito a reforma que Bernard Shaw preconizou? Talvez para o futuro, se o número de trabalhadores em prol do ideal da regeneração da espécie humana for aumentando progressivamente na face da Terra, isto é, se os idealistas da ténpera de Bernard Shaw de cada país se multiplicarem...